

CLIPPING IMPRESSO

10/05/2020



ÍNDICE

1. JORNAL ATOS E FATOS	
1.1. COMARCAS.....	1
1.2. JUÍZES.....	2 - 3
1.3. VARA DE INTERESSES DIFUSOS E COLETIVOS.....	4 - 5
2. JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO	
2.1. VARA DE INTERESSES DIFUSOS E COLETIVOS.....	6
3. JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO	
3.1. VARA DE INTERESSES DIFUSOS E COLETIVOS.....	7 - 12
4. JORNAL PEQUENO	
4.1. ASSESSORIA.....	13
4.2. DESEMBARGADOR.....	14
4.3. JUÍZES.....	15
4.4. VARA DE INTERESSES DIFUSOS E COLETIVOS.....	16
5. O GLOBO	
5.1. VARA DE INTERESSES DIFUSOS E COLETIVOS.....	17 - 19



Operação conjunta das polícias prende criminoso em Santo Antônio dos Lopes

A Polícia Civil do Estado do Maranhão por meio do Departamento do Combate ao Roubo a Instituições Financeiras – DECRIF/SEIC, com apoio da 14 Regional de Pedreiras e do COSAR, da Polícia Militar do Maranhão, em continuidade às investigações relacionadas aos crimes praticados contra instituições financeiras, deu cumprimento a mandados de busca e apreensão e prisão preventiva expedidos pelas Comarcas de Anajatuba/MA e Sítio Novo/MA em desfavor

de suspeito envolvido em roubos com uso de armas de fogo realizado contra as agências do Banco do Bradesco das supracitadas cidades nos meses de Janeiro e Fevereiro de 2020.

A operação foi deflagrada nas primeiras horas do sábado (9) na zona rural do município de Santo Antônio dos Lopes/MA.

Durante o cumprimento do mandado de busca e apreensão foram encontradas armas de três armas de fogo,

sendo duas espingardas calibre 20 e um revólver calibre 38, uma quantia em dinheiro e munições do calibres 20, 38 e .40. Além desses materiais isto os suspeito apresentou aos policiais um documento de identidade falso.

Destaca-se que o revólver 38 encontrado na casa do suspeito foi subtraído dos vigilantes da agência do Banco Bradesco da cidade de Sítio Novo/MA.

Diante dos fatos, além dos mandados cumpridos, o suspeito foi atuado em flagrante pelos crimes de posse irregular de arma de fogo de uso permitido e uso de documento falso.

Destaca-se que o suspeito é foragido do sistema penitenciário estadual após ter sido beneficiado com a saída temporária do dia das crianças em 2019 e não ter regressado.

Ressaltamos que o acusado já foi condenado pelos crimes de homicídio, roubos (inclusive contra bancos) e porte ilegal de arma de fogo.





Osmar Gomes dos Santos, Juiz de Direito da Comarca da Ilha de São Luís. Membro das Academias Ludovicense de Letras; Maranhense de Letras Jurídicas e Matinhense de Ciências, Artes e Letras.

SEGUNDO DOMINGO DE MAIO

Noite de sábado, 09 de maio. Exausto, deito para descansar um pouco, corpo e mente. A jornada semanal foi pesada.

Penso em minha mãe. Palavra tão comum ao nosso vocabulário. Na tenra idade, foi uma das primeiras palavras que balbuciei, ainda que com uma pronúncia incorreta, carregada de significado. Aprendi a caminhar e nas primeiras quedas lá está sua mão estendida a me amparar.

Crescia contemplando seu sorriso e sua fé. Aquela escolhida por Deus para realizar o milagre Divino de gerar a vida. Em seu ventre me carregou por nove meses e por anos me protegeu e amou, e ainda ama, incondicionalmente.

Mas cresci. Vejo-me moço, nariz empinado, maioridade batendo à porta. Seus conselhos, quando os escuto, já não são bem-vindos. Suas lamúrias são apenas “exageros”, coisa de tempos passados. O mundo mudou mãe!

Dou preferência às baladas, sair com amigos, curtir uma “vibe” diferente a cada fim de semana. O namoro e as amizades passaram a ter lugar cativo na minha rotina. Era bem mais descolado. Vou deixando minha mãe relegada, esquecida noutro plano, secundário, sem importância.

Já sou independente. Saí de casa e constituí minha própria família. O tempo de menino se foi. Perco-me nas pesadas horas de uma rotina agora dedicada ao trabalho constante. Passei a morar longe e minha mãe já não encontro com tanta frequência.

É um “calma aí” pra cá, “tô sem tempo pra lá”, “quando puder dou uma passadinha” e a relação ficou ainda mais distante. O telefone substituiu o abraço, as redes sociais aposentaram os álbuns de fotos e a reunião da família agora acontece nos aplicativos de mensagem.

Sou muito ocupado e sem tempo. Se na juventude era namoro, viagens, papo no bar e voltinha com os amigos; agora, estou preso em meus afazeres, amarrado às minhas ganâncias mundanas. Para minha ausência, cada vez maior, encontro des-

culpas das mais esfarrapadas, que na verdade apenas refletem o meu egocentrismo.

E assim acumulando falta de tempo para quem tanto tempo dedicou a mim, veio-me um peso na consciência. Entendi que deveria me dedicar mais e dar mais atenção a minha mãe. De repente, chega uma mensagem que rasga minha alma e me faz entender que já não mais será possível: a mãe se foi, não está mais entre nós, mandaremos notícias do sepultamento.

O telefone toca insistente. Acordo. Já é domingo de manhã, o segundo de maio, precisamente sete horas, o alarme insistiu em me despertar. Foi apenas um sonho. Logo passo a mão no aparelho e faço uma ligação. Alô, mãe? Só quero te dizer o quanto te amo!

Em tempos de pandemia, com medidas de isolamento e lockdown anunciadas, lembrei do fato de que este ano, para muitos, excepcionalmente, nesta manhã de domingo não estarão ao lado de suas mães.

Eis aí um grande motivo para refletir o tamanho dela em sua vida. Quantas não foram as vezes que hesitou em ligar, em dar uma passada, ainda que breve, para dar um abraço apertado, olhar nos olhos e expressar o sentimento?

Não deixe que o trabalho te consuma, que a ganancia te cegue, que a vaidade te enalteça. Esse status é a última parada do trem bala antes que o mundo tenha lhe roubado as melhores lembranças que poderia ter daqui a alguns anos.

E aquela visita sempre impossível, por diversos pretextos, para a mãe que mora longe? Ironicamente, você arrumará tempo para quando ela estiver doente em um leito de hospital. Da mesma forma, conseguirá levantar algum dinheiro para comparecer ao seu sepultamento. Tarde demais!

Como bem diz a letra da música sorria e abrace teus pais enquanto estão aqui, que a vida é trem-bala, parceiro, e a gente é só passageiro prestes a partir. Não deixe sua vida descarrilar.

Hoje é o dia da sua mãe. Daquela que te entregou parte da vida, do tempo, da atenção, do amor e poderia entregar a própria vida. Não importa como a maternidade foi concebida, se por fertilização natural ou reprodução assistida. Ou ainda por uma “fertilização não convencional”, que, ao invés do útero, germinou e aflorou no coração, por ato de amor que culminou na adoção.

O isolamento social que vivemos em meio à crise sanitária pode afastar, mas jamais enfraquecer o laço de amor materno criado entre ela e você. Por força do destino estamos em isolamento. Mas pegue o telefone, ligue, converse, faça chamada de vídeo. E quando tudo isso passar, quando puder sair às ruas escolha os braços dela como o primeiro para o qual correr.

Esse distanciamento talvez sirva para te mostrar algumas verdades, daquelas que machucam no fundo da alma. Serve para perceber o quanto importante e significante é a mãe em nossas vidas. Lápides não têm ouvidos. Não deixe para dizer eu te amo quando for tarde.

SÃO LUÍS

Prefeitura de São Luís intensifica fiscalização em áreas comerciais neste fim de semana

A Prefeitura de São Luís, por meio das secretarias municipais de Trânsito e Transportes (SMTT), Agricultura, Pesca e Abastecimento (Semapa), Blitz Urbana e Guarda Municipal intensificou, neste fim de semana, as ações de controle da redução de fluxo de veículos em pontos estratégicos da cidade, além dos principais corredores que já estão inseridos na programação diária do órgão, desde que foi decretado o primeiro dia de lockdown na cidade. Equipes da Prefeitura também percorrem mercados e feiras da cidade e regiões de supermercados

para evitar aglomerações. Ações, que têm a parceria da Polícia Militar, integram o esforço da gestão do prefeito Edivaldo Holanda Junior no sentido de controlar o aumento da curva de contágio do novo coronavírus.

“Neste fim de semana se comemora o Dia das Mães, o que implica no aumento da movimentação de pessoas e circulação de veículos nesses locais. Lembrando, ainda, que o fim de semana é o período utilizado por muitas famílias para compras

de abastecimento semanal”, explicou o secretário da SMTT, Israel Pethros

O trabalho de contenção e controle de fluxo estão sendo realizadas no sábado (9) e no domingo (10) no entorno das áreas onde é realizado o comércio essencial como, por exemplo, supermercados e repartições de vendas de alimentação, destacando-se as feiras livres dos bairros. Entre os locais que serão fiscalizados estão Macaubá, Bairro de Fátima, São Francisco, Vicente Fialho e Angelim.

As medidas de restrição foram adotadas visando conter o novo coronavírus. O bloqueio total de serviços não essenciais na capital resulta de decisão judicial e, em cumprimento, o Governo do Estado e a Prefeitura de São Luís elaboraram decretos regulamentadores dessas ações iniciadas esta semana em toda cidade.

Equipes de agentes de trânsito e polícia militar estão presentes nas principais vias da capital e nos principais acessos à ilha pela BR 135 e MAs. As ações também contam com o apoio da Blitz Urbana, Guarda Municipal

e Bombeiros.

Além do trânsito, os decretos regulamentam, ainda, a movimentação da frota de ônibus que atende ao serviço de transporte coletivo de São Luís. Com isso, a frota de

ônibus da capital foi reduzida ao total que opera nos domingos e feriados, desde a implantação do lockdown. Com a medida, houve redução no número de usuários do transporte coletivo de cerca de 90%.



Brasil passa de 10 mil mortes e cientistas pedem bloqueio total

País é o que menos testa entre as oito nações com mais casos; analistas veem sistema no limite

O Brasil ultrapassou ontem a marca de 10 mil mortes em decorrência do coronavírus (veja gráfico ao lado). Segundo boletim do Ministério da Saúde, a pandemia já deixou 10.627 mortos, o que coloca o País em sexto lugar na lista de nações com maior número de vítimas fatais, conforme dados compilados pela Universidade Johns Hopkins (EUA). Em casos confirmados de contaminação, o Brasil ocupa a oitava posição, com 155.939 infecções, segundo a instituição americana. E é o que menos aplica testes entre os oito países com mais casos. Na avaliação de infectologistas e pesquisadores ouvidos pelo **Estado**, o quadro atual – agravado pela falta de exames e leitos no sistema de saúde – indica a ne-

cessidade de ampliação das medidas de isolamento social, sobretudo por meio do lockdown (bloqueio total), como ocorre em São Luís (MA). “O lockdown é a única solução que pode ter alguma eficácia para controlar a curva epidêmica, que está indo para o descontrole”, afirma Luciana Costa, diretora adjunta do Instituto de Microbiologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). “Tenho família no Brasil e estou preocupada. As pessoas não estão conseguindo entender a gravidade da doença”, diz a cientista brasileira Rafaela Rosa-Ribeiro, doutora em biologia celular e estrutural do Ospedale San Raffaele, em Milão, Itália. **METRÓPOLE / PÁG. A11**

● Churrasco 'fake' e jet ski

Após repercussão negativa, Jair Bolsonaro disse que o churrasco que havia anunculado para ontem era 'fake'. Mais tarde, circulou vídeo em que ele passeia de jet ski em Brasília. **POLÍTICA / PÁG. A5**

10.627



São 10.627 vítimas e 155.939 infectados; analistas dizem que sistema de saúde está no limite em alguns municípios e Estados e risco de perda de controle aumentará nas próximas semanas; entre os oito países com mais relatos, o Brasil também é o que menos testa

País chega a 10 mil mortes, é 6º no mundo e especialistas cobram bloqueio total

Gonçalo Junior

O Brasil ultrapassou ontem a marca de 10 mil mortos. De acordo com boletim do Ministério da Saúde, o País tem 10.627 vítimas. E 155.939 casos confirmados. Em 24 horas, o registro de óbitos oficial foi de 730. Para os especialistas, ao lado da chegada ao limite dos leitos no sistema de saúde e da falha no oferecimento de testes - trata-se da nação que menos testa entre os oito países com mais casos - , é o indicativo para ampliar as restrições, sobretudo usando lockdown (bloqueio total), como ocorre, por exemplo, em São Luís, no Maranhão.

O País já está entre as nações com maior número de mortes pela doença, ficando atrás de Estados Unidos (77.344), ainda epicentro mundial, Reino Unido (31.662), Itália (30.201), Espanha (26.299) e França (26.233), esses últimos países europeus castigados pelo vírus. Isso considerando os dados compilados pela Universidade John Hopkins. O Brasil já havia

ultrapassado a China, marco zero da covid-19, dia 28 de abril.

Já em número de casos confirmados, ainda de acordo com John Hopkins, o Brasil está na oitava posição, atrás de EUA (1.286.833), Espanha (222.857), Itália (217.185), Reino Unido (212.629), Rússia (198.675), França (176.202) e Alemanha (170.643). O dado oficial apontava ontem 155.939 infecções, ante 145.238 na véspera.

Ao longo da semana, o Brasil veio batendo recordes de registros de mortes em 24 horas. Na sexta-feira, foram 751. Diante desse cenário, especialistas afirmam que o lockdown é uma medida necessária para evitar uma explosão ainda maior de casos em capitais e regiões metropolitanas. "Vários Estados têm a demanda dos serviços de saúde no limite e tudo indica que teremos um forte aumento de casos e de óbitos nas próximas semanas. Este cenário indica a necessidade de que as autoridades indiquem o lockdown, medida que deve ser associada a ações de apoio a populações social-

va epidêmica, que está indo para o descontrole. As medidas de isolamento social não tiveram adesão da população como deveriam. Isso foi consequência de informações truncadas e mensagens opostas enviadas por prefeitos e governadores e o presidente da República", diz. "A epidemia pode se expandir rapidamente diante de mais aglomerações e atividades. Se não for feito nada que interrompa as novas transmissões, o Brasil pode se tornar o novo epicentro da pandemia, juntamente com os Estados Unidos", defende a especialista do Laboratório de Genética e Imunologia das Infecções Virais.

A medida de quarentena compulsória, em que ficar em casa é uma obrigação e não uma recomendação, já foi adotada pelo governo do Pará na capital, Belém, e em outras grandes cidades do Estado desde terça. No Nordeste, Maranhão e Ceará decretaram medidas similares.

Lição de casa. O momento atual se tornou "preocupante"

na opinião dos pesquisadores porque o Brasil não fez a lição de casa. O virologista Flávio Guimarães da Fonseca, que atua no Centro de Tecnologia de Vacinas (CT Vacinas), afirma que o Brasil desperdiçou a oportunidade de observar a evolução da pandemia em outros países, como Itália, Espanha e Reino Unido, que começaram a sofrer os efeitos da pandemia. "A realidade de outros países, até os ocidentais, poderia ser utilizada como modelo para preparar a população. Isso não foi feito de uma forma uniforme em todo o Brasil", diz o pesquisador do Departamento de Mente Vulneráveis", diz o epidemiologista Eliseu Alves Waldman, professor da Faculdade de Saúde Pública da USP.

Luciana Costa, diretora adjunta do Instituto de Microbiologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), vai além sobre a possibilidade de eficácia do bloqueio total. "O lockdown é a única solução neste momento que pode ter alguma eficácia para controlar a cur-

Microbiologia da UFMG.

No início do mês de março, a Itália, por exemplo, era o país mais afetado da Europa pela covid-19. Lá, a primeira morte foi confirmada no dia 21 de fevereiro. Quase cinco semanas depois, o país já ultrapassava as 10 mil vítimas. A Itália demorou para responder à emergência e registra mais de 30 mil mortes.

Rafaela Rosa-Ribeiro, doutora em biologia celular e estrutural, que trabalha atualmente com um grupo de virologistas no Ospedale San Raffaele em Milão, afirma que está assistindo ao mesmo filme pela segunda vez. O primeiro foi em solo italiano; o segundo, no Brasil. "Parece um filme que está se repetindo com um roteiro diferente. A Itália subestimou a doença de certa forma, não por malade, mas por ignorância. Fomos o primeiro país atingido fora da China. Depois, o país chegou a ser elogiado pelas medidas rápidas. No dia 11 de março já estava tudo fechado, com exceção de farmácias e supermercados. Fo-

ram dois meses de Lockdown", diz a cientista brasileira. "Tenho família no Brasil e estou preocupada. As pessoas não estão conseguindo entender a gravidade da doença. Na Itália, os cientistas foram ouvidos", diz.

"Entendo que o Brasil é um país muito diferente dos países europeus. É mais complicado tomar medidas drásticas, por causa da quantidade de pessoas, condições sanitárias e econômicas. Mas muita gente que pode ficar em casa e empresas que poderiam deixar funcionários em home office não estão pensando na doença."

Testes. O infectologista Antonio Bandeira, diretor da Sociedade Brasileira de Infectologia (SBI) e professor da Faculdade de Tecnologia e Ciências Uniftec, lembra que o Brasil também não se preparou em relação à realização de testes. O especialista afirma que o Brasil fez 340 mil testes enquanto o número nos Estados Unidos é de 2 milhões. Dos oito países

com maior quantidade de casos, o Brasil é o que menos testa. De acordo com o número de testes por 1 mil habitantes, apresentados nesta sexta-feira pelo Observatório Covid-BR, os Estados Unidos registram a média de 24,4, a Espanha, de 28,9, a Itália, 38,3, a Alemanha, 32,8. O índice no Brasil é de apenas 1,4.

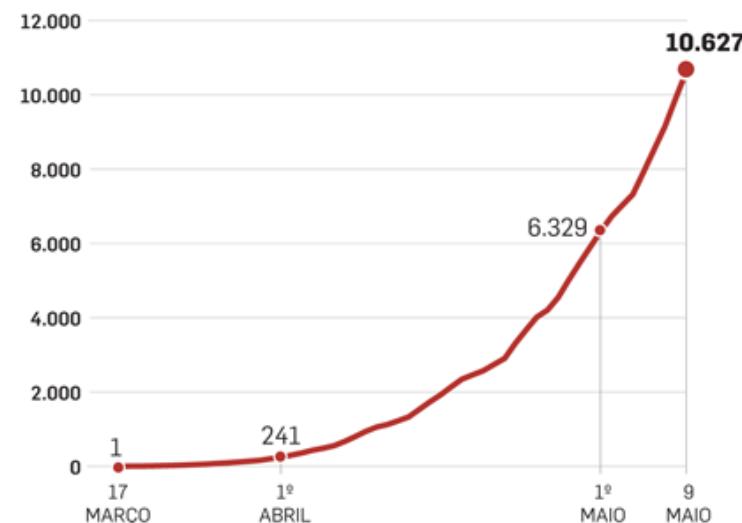
"Os testes moleculares (PCR) precisam ser expandidos. Isso é fundamental. O teste permite captar o número de pacientes, ajudar no planejamento de saúde e reduzir a subnotificação. Com o teste, é possível definir o isolamento domiciliar para que a pessoa infectada não contamine outros pacientes", explica ele. Por causa da falta de testes, Jean Pierre Schatzmann Peron, pesquisador líder da Plataforma Pasteur/ USP, que desenvolve estudos com foco em anticorpos e imunopatogênese, calcula que o número de contaminados seja de três a cinco vezes maior no País. "A gente não consegue testar todo mundo", resume.

Alexandre Cunha, infectologista do Grupo Sabin e vice-presidente da Sociedade de Infectologia do Distrito Federal, afirma que a principal preocupação tem de ser com a velocidade de propagação da doença e não necessariamente com os números absolutos. "Nos países onde se conseguiu manejar a epidemia sem sobrecarga do sistema de saúde, a mortalidade foi a esperada. Nos países com situação hospitalar razoável, mas onde o sistema de saúde entrou em colapso, a mortalidade foi várias vezes maior do que em países onde o sistema suportou", argumenta. "Nossa grande preocupação é a velocidade com que esses casos e a capacidade de absorção do sistema de saúde. No Brasil, a situação tem de ser analisada em cada município. O que é bom para uma região pode de não ser boa para outra. Cada município vai atingir o pico em momentos diferentes", diferencia. / COLABORARAM PALOMA COTES E MATEUS VARGAS

EM ALTA

- Primeira morte foi registrada há 54 dias

EM NÚMERO DE MORTES



FONTE: MINISTÉRIO DA SAÚDE

INFOGRÁFICO/ESTADÃO

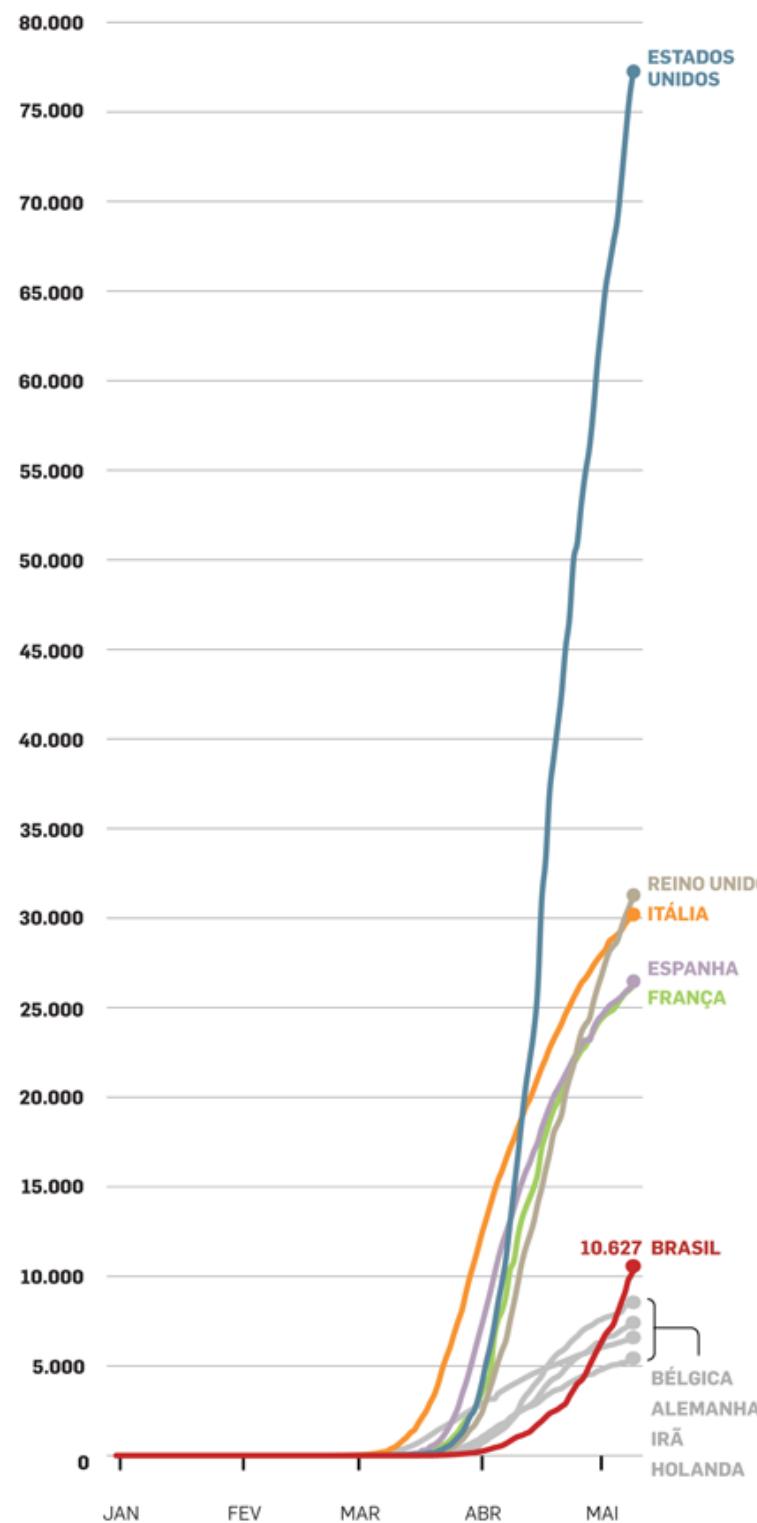
'Hábitos que estamos adotando serão levados para a vida'

- Como o coronavírus se espalha facilmente entre as pessoas, a infectologista Sylvia Lemos, consultora em Biossegurança e Controle de Infecções e também integrante da Sociedade Brasileira de Infectologia, afirma que os cuidados individuais com higienização das mãos e o uso de máscaras são fundamentais para conter a pandemia.

"Os hábitos que estamos adotando agora serão levados para toda a vida. É fundamental lavar as mãos, com água e sabão, fazer a higienização quando voltar da rua com álcool em gel. O ideal é ficar em casa. Se não for possível, é muito importante usar máscaras, manter a distância de 1 metro, no mínimo, e evitar aglomerações", explica. / G. J.

PANDEMIA

- Mundo se aproxima dos 4 milhões de casos



FONTE: MINISTÉRIO DA SAÚDE, OUR WORLD IN DATA / OECD

INFOGRÁFICO/ESTADÃO



ESCREVE QUINZENALMENTE

**SERGIO
CIMERMAN**

Triste situação brasileira

A pandemia da covid-19 tem se revelado um enorme problema de saúde pública em todos os países. Neste momento atual verificamos a ocorrência em 187 países com incríveis confirmações de casos passando dos 4 milhões e perto de 280 mil mortes. O Brasil agora é o epicentro da América Latina, como mostra relato do Imperial College de Londres de sexta-feira. Estamos passando de 10 mil mortes e, com um grau de heterogenicidade por localidades, ocupando ao redor de 80% dos casos em Estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Ceará, Pernambuco e Amazonas. Os casos em território nacional têm aumentado em escala geométrica, levando à necessidade de fechamento total (lockdown) em algumas cidades,

com destaque para São Luís e Belém.

São Paulo, o Estado de maior produto interno bruto (PIB), mantém a questão do isolamento social mais rígido em decreto de sexta-feira do governador, para fazer frear a redução de mobilidade, a fim de que possamos chegar a pelo menos 60%, numero este que talvez fosse suficiente para sugerir uma flexibilização. Nas ultimas semanas os níveis não chegaram aos 48%. Esses dados levaram a Prefeitura a tomar atitude mais rígida, com a criação de um novo modelo de rodízio de veículos. Críticas já surgiram mesmo antes do seu início amanhã, porém é mister avaliar este plano de ação, com pelo menos 15 dias, para verificar se existirá menor numero de casos, consequentemente menor número de internações hospitalares e um fluxo menor de en-

trada em unidade de terapia intensiva (UTI). Deste modo, a possibilidade de achatar a curva e mostrar indícios de queda mesmo que pequenos. As exceções para este rodízio já foram amplamente divulgadas pelas autoridades e pela imprensa, porém algumas terão de ser revistas com maior urgência, como por exemplo de pacientes portadores de doenças crônicas, que realizam tratamento quimioterápico, sessões de hemodiálise, dentre outras, que necessitam se locomover pela cidade. O uso de transporte público não seria o

É a hora de realmente fazer a diferença. Vamos nos esforçar em ficar em casa

ideal nessas situações por razões óbvias, até de aglomeração e contágio. Além do que, pesa a fragilidade emocional destas pessoas exacerbada com esta pandemia. Sou sabedor e, penso que esta medida radical tenha de ser feita neste momento, porque a curva de casos cresce diariamente, expondo a população a mais riscos e a uma maior letalidade. Só para termos uma ideia estamos a nível nacional ao redor de

7%, bem acima de outras nações.

Nossas UTIs, sobretudo do serviço público, beiram a 100% de ocupação na maioria dos dias e ficaremos reféns da sorte em algum momento, tendo que o médico decidir quem irá usar o leito ou não. Isto fere o juramento de Hipócrates e da racionalidade de cada indivíduo. Já notamos vários profissionais da saúde desenvolvendo Burnout, sendo que alguns se afastam de suas atividades em momentos cruciais na linha do front. Temos de tentar encontrar maneiras de reduzir a transmissibilidade entre todos. Noto que existe realmente boa intenção de nossos governantes em poder salvar vidas e buscar orientação por especialistas como infectologistas, epidemiologistas e sanitaristas para que não ocupemos posições como Itália (especialmente na Lombardia) e Espanha. Creio ainda que pudéssemos mensurar as entradas e saídas nas UTIs, a nível local e nacional, a duração em dias nestes leitos, para reavaliar novas condutas.

Deveria existir um elo mais forte em todas as esferas públicas lideradas pelo governo federal na luta contra o novo coronavírus. Sinto que não estamos perto desta aproximação, apesar do mi-

nistro da Saúde ter saído a campo, e apoiar o distanciamento social. Nosso presidente acaba tomando atitudes desconexas com a realidade mundial, deixando a comunidade científica perplexa, sendo que mereceu até um editorial, em uma das maiores revistas médicas, *The Lancet*, com o título “Covid-19 no Brasil: E dai?” na semana passada.

Estamos na frente de um inimigo invisível, altamente contagioso, transmissível e com as armas temos até hoje apenas as medidas não farmacológicas: lavagem de mãos com água e sabão, uso de álcool em gel a 70%, uso de máscaras e distanciamento social. As drogas ainda estão em estudos clínicos e com possibilidades remotas de trazerem um benefício clínico aos pacientes. Vamos lutar, agir com sabedoria. É a hora de o povo brasileiro realmente fazer a diferença. Vamos nos esforçar em ficar em casa. É um dever nosso com a pátria, com o próximo e com a sociedade. #XOCOVID-19.

*

EX-PRESIDENTE DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE INFECTOLOGIA

Justiça & Cidadania

Antonio Carlos Lua

acarloslua@folha.com.br



Uma distração mortal em meio à pandemia

A crise causada pelo novo coronavírus é alarmante. O avanço da pandemia pode se transformar no pior desastre da história moderna, potencializado por uma angústia que nos corrói.

A pergunta que não cala é: Como foi que um vírus comum provocou, após uma suposta mutação, a primeira pandemia do Século XXI?

A ciência nesse caso não tem como ser “neutra”, posto que em algum grau ela adequa-se aos interesses do sistema.

Por isso, conhecimentos de base empírica para o enfrentamento da pandemia do novo coronavírus oriundos da China podem ser desqualificados, ainda que a Rússia figure entre os países mais bem-sucedidos na contenção da pandemia, mesmo possuindo extensa fronteira terrestre com a China.

Agora, o perigo tornou-se constante. O cálice desapareceu nas igrejas católicas. A comunhão na mão é causa de grande medo.

Toques de cotovelo substituíram os apertos de mão. Os sorrisos reconhecem à distância que terão que ser suficientes para substituir os abraços.

Cancelamentos estão preenchendo os calendários. Lavar as mãos com água e sabão, usar álcool em gel e o cuidado com tudo que tocamos tornaram-se parte da nossa rotina diária.

O mês de maio está sendo aquele que está colocando o mundo de cabeça para baixo, nos levando a pensar mais do que habitualmente pensamos na precariedade do comum e no poder invisível do novo coronavírus, que saltou da China para se tornar uma emergência de saúde global.

A incerteza e o desconhecido atrapalham a nossa rotina, causando estragos na confiança cotidiana.

De quem devemos ficar longe? Para onde podemos ir sem muito medo? O que fazemos com tudo isso a partir de um fundamento de fé? Podemos usar o momento para ver além da ameaça?

Sabemos que a partir da nossa história e dos textos sagrados as provações podem trazer clareza e uma compreensão mais profunda.

É uma ironia sabermos que em um momento em que mais precisamos das pessoas solidárias sejamos aconselhados a evitá-las.

A assustadora clareza revelada no Brasil mostra que destruir a verdade tem consequências graves quando a crise surge.

Em quem acreditar? No presidente da República quando ele declara, perante os especialistas que é um tipo de gênio médico que entende tudo sobre o novo coronavírus?

Podemos acreditar no presidente da República quando ele faz uma contraposição às orientações médicas?

Podemos acreditar nos especialistas que viram outros colegas serem demitidos por dizerem a verdade ou abandonarem seus cargos porque se cansaram dos ataques contra burocracias que causam a obstrução de

medidas científicas para conter o vírus?

Será que os especialistas que estão sendo levados ao pódio estão nos dizendo a verdade ou estão se resguardando, temerosos de serem os próximos a ir embora se desafiarem o universo alternativo do presidente da República?

Será que não existe nenhum especialista por trás deles que possa nos dizer um mínimo de verdade sobre a fúria avassaladora do vírus o Brasil?

A verdade é que a tragédia dos ataques do Governo Federal contra a verdade deixa a incompetência dolorosamente revelada, expondo nossa longa condescendência como cultura com uma espécie de crueldade socializada.

Nossa preparação para enfrentar a pandemia do novo coronavírus é lamentavelmente deficiente. Estamos muito atrás de outros países nos nossos procedimentos de teste.

Grandes questões merecem respostas. Quando os testes finalmente estarão disponíveis?

Quem será testado? Onde? Quanto vai custar? Será contratada uma ajuda extra para administrar os testes?

Um pouco de sobriedade não daria para entender que o novo coronavírus já invadiu o país inteiro e mesmo assim ainda estamos no estágio de planejamento e organização, sem nada ainda de concreto?

A reação de altos e baixos do mercado de ações em relação ao novo coronavírus é preocupante para um certo nível da sociedade.

Enquanto esperamos o vírus ir embora, talvez possamos usar o tempo de inatividade para levar em consideração, com gratidão, aqueles que trabalham quando não há nenhuma crise, de formas ocultas e não anunciadas, para nos manter seguros.

Talvez, o nosso contato com a incerteza também possa servir como porta de entrada para a solidariedade com aqueles que vivem regularmente em circunstâncias incertas e precárias.

Hoje nós temos que lidar com escolas fechadas, liturgias modificadas, congressos, férias cancelados e trabalho remoto a partir de casa.

Mas é bom pensar naqueles que, mesmo quando não há pandemia, vivem no limite, no setor de salários baixos, sem voz, na linha da exclusão.

No momento em que o bem comum se torna primordial e em que a única entidade suficientemente grande para acomodar esse bem é o Governo Federal, somos obrigados a observar os ataques às instituições, como forma de promover a degradação do Estado Democrático de Direito e da cidadania.

Os contrastes e as deficiências que podem comprometer a nossa democracia em tempos normais se tornaram flagrantes na pandemia.

Existe um abismo na falta de liderança no nível do Governo Federal, que mostrou-se pateticamente incapaz de compreender a seriedade e a natureza da ameaça do novo coronavírus.

Sendo assim, é melhor nos abster de previsões e ater-se ao que já se sabe na base da observação do que aconteceu nos países afetados.

A maior das lições a retirar do caráter universal da atual pandemia será a de tornar os governos e populações conscientes de que episódios desse tipo se repetirão no futuro devido à globalização dos contatos.

Assim, pondo de lado a complacência alimentada por um falso sentimento de segurança que enganosamente tentam nos passar, temos que começar a nos preparar para os desafios inevitáveis que virão.

Temos que entender que, além do individualismo, somos um conjunto e teremos responsabilidades coletivas no enfrentamento de emergências semelhantes no futuro.

José Luiz Almeida

Desembargador do Tribunal de Justiça do Maranhão. Escreve para o Jornal Pequeno aos Domingos, quinzenalmente / jose.luiz.almeida@globo.com / www.joseluizalmeida.com



É preciso amar as pessoas

O diplomata Sérgio Vieira de Mello foi enviado ao Iraque, depois da derrubada de Saddam Hussein pela coalizão liderada pelos Estados Unidos, como chefe da missão da ONU, em Bagdá, para ajudar a pacificar o país. Todavia, como sabido, pouco pôde fazer para restabelecer a paz.

É que, no dia 19 de agosto de 2003, um caminhão-bomba foi lançado contra o prédio da ONU, matando 24 pessoas e ferindo outras tantas, naquele que foi considerado o maior atentado até então praticado contra uma representação das Nações Unidas. Entre as vítimas da tragédia estava o grande brasileiro Sérgio Vieira de Mello.

Por óbvio que não é possível resumir aqui a obra desse festejado diplomata carioca, já condensada em documentários – um deles disponível gratuitamente no YouTube – e biografias alentadas.

E pelo fato de não ser possível sintetizar a sua monumental ação diplomática neste espaço, anoto, apenas, que há um consenso universal em torno de sua ação humanitária: foi um dos homens que mais contribuíram para a paz mundial, cumprindo ressaltar, nesse sentido, como exemplo, as suas destacadas ações no Timor Leste, em Ruanda e na repatriação dos refugiados da Guerra do Vietnã.

Com o lançamento do filme intitulado Sérgio, na Netflix, que conta parte de sua história, - estrelado por Wagner Moura, no papel principal, e Ana de Armas, como Carolina Larriera, esposa do diplomata -, Sérgio Vieira de Mello voltou a ser lembrado e eu voltei a me interessar pela sua história. Antes de assistir ao filme e para confortar a minha péssima memória, saí em busca de informações sobre o diplomata, já que a sua biografia – o Homem que Queria Salvar o Mundo, de Samantha Power - eu li há mais de 15 anos.

Encontrei na mesma Netflix as informações

por mim pretendidas, e as recomendo. Trata-se do documentário também intitulado Sérgio, a que assisti nesses dias de pandemia. Trata-se de um documentário denso, profundo, instigante, trágico e inspirador, que vale a pena assistir, conquanto não o recomende aos mais sensíveis, especialmente em face do dramático resgate - e tentativa de resgate – das vítimas do atentado, dentre as quais o próprio Sérgio Vieira de Mello. O detalhe que chama a atenção no documentário e que me levou a escrever estas reflexões, foi que – atenção! – todas as vezes que o pessoal do resgate conseguia contato com Sérgio Vieira de Mello, parcialmente soterrado - numa tentativa de regaste que se mostrou de balde -, este, entre a vida e a morte, imobilizado sob os escombros, num atitude que impressionou a equipe de salvamento, perguntava, insistentemente, como estava o resgate dos funcionários da representação, e pedia – acreditem! – que não se preocupassem com ele, e cuidassem dos seus companheiros também soterrados. Isso se chama empatia, isso é altruísmo, o que parece faltar a algumas lideranças brasileiras e alguns dos seus sequazes mais fanatizados, os quais, nesses tempos de pandemia propiciada pelo novo coronavírus, parecem ter o seu pensamento e suas forças voltadas apenas para os seus próprios interesses, capazes que são de, até, promoverem buzinações em frente a hospitais ou de hostilizarem manifestação pacífica de enfermeiros, esses, sim, alguns dos destacados heróis nacionais dos dias presentes.

Menos mal que, noutras esferas, as pessoas têm mostrado a sua empatia e atitudes altruístas para com o povo sofrido do Brasil, como se constata, por exemplo, em face da exuberante rede de solidariedade que se formou para ajudar os mais necessitados, e

para dar condições de trabalho aos médicos brasileiros – estes também heróis destacados -, vítimas, como nós outros, do descaso com que sempre foi tratada a saúde no Brasil. Enquanto o povo sofre – e morre – por falta de atendimento, algumas destacadas lideranças da nação disputam cargo e poder ou buscam uma boquinha para protegidos, muitos delas (lideranças) saídas do submundo do crime, fazendo-o sem nenhum constrangimento, à luz do dia, naturalmente, numa demonstração abjeta e torpe de que não estão nem aí para o sofrimento do povo.

E que se faça o doloroso registro: é a classe

menos favorecida que pagará, sim, além do sofrimento infligido pela Covid-19, pelos pecados de um sistema injusto e concentrador de rendas.

Diante dessa inevitável tragédia social, precisamos de lideranças fortes e comprometidas, ante a inevitabilidade do exacerbamento dos já desfavoráveis indicadores sociais, agora traduzidos em mais desemprego e mais fome, impondo-se, nesse cenário, a ação efetiva do Estado e sua rede de proteção, para que possam ser minorados o sofrimento e a dor do povo mais humilde.

No cenário desalentador a que me reporto, é inaceitável, sob qualquer perspectiva, que, nos dias presentes, de tanto sofrimento e dor, pessoas irracionais, dignas de desprezo, ainda persistam com ações que traduzem menoscabo pela dor e sofrimento alheios, não só subscrevendo e repassando fake news dolorosas – como a que notícia falsamente o enterro de caixões sem corpos -, mas, sobretudo, apostando no caos para que, depois, possam dele tirar algum proveito político.

Mas do que nunca, é preciso lembrar, com Renato Russo, que é preciso amar as pessoas, como se não houvesse amanhã.

É isso.

Osmar Gomes

Juiz de Direito da Comarca da Ilha de São Luís, membro das Academias Ludovicense de Letras, Maranhense de Letras Jurídicas e Matinhense de Ciências, Artes e Letras.



SEGUNDO DOMINGO DE MAIO

Noite de sábado, 9 de maio. Exausto, deito para descansar um pouco, corpo e mente. A jornada semanal foi pesada. Penso em minha mãe. Palavra tão comum ao nosso vocabulário. Na tenra idade, foi uma das primeiras palavras que balbuciei, ainda que com uma pronúncia incorreta, carregada de significado. Aprendi a caminhar e nas primeiras quedas lá está sua mão estendida a me amparar. Crescia contemplando seu sorriso e sua fé. Aquela escolhida por Deus para realizar o milagre Divino de gerar a vida. Em seu ventre me carregou por nove meses e por anos me protegeu e amou, e ainda ama, incondicionalmente. Mas cresci. Vejo-me moço, nariz empinado, maioria batendo à porta. Seus conselhos, quando os escuto, já não são bem-vindos. Suas lamúrias são apenas "exageros", coisa de tempos passados. O mundo mudou mãe! Dou preferência às baladas, sair com amigos, curtir uma "vibe" diferente a cada fim de semana. O namoro e as amizades passaram a ter lugar cativo na minha rotina. Era bem mais descolado. Vou deixando minha mãe relegada, esquecida noutro plano, secundário, sem importância. Já sou independente. Saí de casa e constitui minha própria família. O tempo de menino se foi. Perco-me nas pesadas horas de uma rotina agora dedicada ao trabalho constante. Passei a morar longe e minha mãe já não encontro com tanta frequência. É um "calma aí" pra cá, "tô sem tempo pra lá", "quando puder dou uma passadinha" e a relação ficou ainda mais distante. O telefone substituiu o abraço, as redes sociais aposentaram os álbuns de fotos e a reunião da família agora acontece nos aplicativos de mensagem. Sou muito ocupado e sem tempo. Se na juventude era namoro, viagens, papo no bar e voltinha com os amigos; agora, estou preso em meus afazeres, amarrado às minhas ganâncias mundanas. Para minha ausência, cada vez maior, encontro desculpas das mais esfarrapadas, que na verdade apenas refletem o meu egocentrismo. E assim acumulando falta de tempo para quem tanto tempo dedicou a mim, veio-me um peso na consciência. Entendi que deveria me dedicar mais e dar mais atenção a minha mãe. De repente, chega uma mensagem que rasga minha alma e me faz entender que já não mais será possível: a mãe se foi, não está mais entre nós, mandaremos notícias do sepultamento. O telefone toca insistenteamente.

Acordo. Já é domingo de manhã, o segundo de maio, precisamente sete horas, o alarme insistiu em me despertar. Foi apenas um sonho. Logo passo a mão no aparelho e faço uma ligação. Alô, mãe? Só quero te dizer o quanto te amo!

Em tempos de pandemia, com medidas de isolamento e lockdown anunciadas, lembrei do fato de que este ano, para muitos, excepcionalmente, nesta manhã de domingo não estarão ao lado de suas mães.

Eis aí um grande motivo para refletir o tamanho dela em sua vida. Quantas não foram as vezes que hesitou em ligar, em dar uma passada, ainda que breve, para dar um abraço apertado, olhar nos olhos e expressar o sentimento? Não deixe que o trabalho te consuma, que a ganância te cegue, que a vaidade te enalteça. Esse status é a última parada do trem bala antes que o mundo tenha lhe roubado as melhores lembranças que poderia ter daqui a alguns anos.

E aquela visita sempre impossível, por diversos pretextos, para a mãe que mora longe? Ironicamente, você arrumará tempo para quando ela estiver doente em um leito de hospital. Da mesma forma, conseguirá levantar algum dinheiro para comparecer ao seu sepultamento. Tarde demais! Como bem diz a letra da música sorria e abrace teus pais enquanto estão aqui, que a vida é trem-bala, parceiro, e a gente é só passageiro prestes a partir. Não deixe sua vida descarrilar.

Hoje é o dia da sua mãe. Daquela que te entregou parte da vida, do tempo, da atenção, do amor e poderia entregar a própria vida. Não importa como a maternidade foi concebida, se por fertilização natural ou reprodução assistida. Ou ainda por uma "fertilização não convencional", que, ao invés do útero, germinou e aflorou no coração, por ato de amor que culminou na adoção.

O isolamento social que vivemos em meio à crise sanitária pode afastar, mas jamais enfraquecer o laço de amor materno criado entre ela e você. Por força do destino estamos em isolamento. Mas pegue o telefone, ligue, converse, faça chamada de vídeo. E quando tudo isso passar, quando puder sair às ruas escolha os braços dela como o primeiro para o qual correr.

Esse distanciamento talvez sirva para te mostrar algumas verdades, daquelas que machucam no fundo da alma. Serve para perceber o quanto importante e significante é a mãe em nossas vidas. Lápides não têm ouvidos. Não deixe para dizer eu te amo quando for tarde.



PETINHADAS

*** Incompreensão, ignorância e negacionismo de natureza política!!! Seriam estes os principais motivos para uma parcela da população da Ilha de São Luís – opiniões mais coerentes se dividem entre 20, 25%, no máximo – não respeitar a decisão judicial de lockdown decretada pela Justiça e acatada pelo Governo do Estado!!! Decorridos cinco dias do início das medidas de bloqueio em vias e avenidas da Ilha, o que se vê é uma grande parte da cidade praticamente deserta e outra, mais para a periferia, com um numero bem menor de pessoas fora de casa, principalmente em feiras e mercados!!! Não se sabe esse percentual, exatamente!!! O volume de informações em redes sociais e veículos de comunicação, especialmente blogs com linha editorial contrária ao governo, tentam passar a ideia de fracasso do lockdown, mas a grande verdade é que as medidas extremas estão funcionando e sendo aperfeiçoadas, especialmente agora, com uma participação maior de órgãos da Prefeitura de São Luís!!! O estado também está tomando novas medidas, graduando de acordo com a situação!!! A parcela menor está fora de casa, devido ao funcionamento de serviços essenciais como feiras, mercados e bancos!!! Isso só resolveria com uma forte repressão, mas esse não é o caso!!!

*** Como sugestão para conscientizar e conter essa pequena parcela que teima em permanecer nas ruas, algumas medidas poderiam ser interessantes!!! Por exemplo, a presença dos órgãos fiscalizadores nos bairros e não apenas a Polícia Militar!!! Por dia, poderiam ser escolhidos três bairros, onde está sendo denunciada a presença maior de pessoas nas ruas, para realização de operação na área, com carro de som e orientação às pessoas para ficarem em casa!!! Governo do Estado e Prefeitura poderiam dar kits, com remédios para febre, tosse..., antibiótico, álcool em gel e máscara!!! E falar que caso sejam encontradas pessoas nas ruas sem máscara, ou sem necessidade, estas correriam risco de perder benefícios do governo, como o bolsa família!!!

USP FAZ ALERTA SEM ISOLAMENTO SÉRIO, MORTES DOBRARÃO EM 20 DIAS

CLEIDE CARVALHO
SÃO PAULO
cleide.carvalho@spoglobo.com.br

Sexta e quatro dias depois da confirmação do primeiro caso de coronavírus no Brasil, o país chegou a 10.627 mortos pela doença ontem. Em média, 196 pessoas perderam a vida por dia desde que o primeiro óbito foi registrado por aqui, no dia 16 de março.

O crescimento de casos foi geométrico e simulações feitas por um grupo de pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) — voltado a analisar o comportamento da doença no país — apontam que o número de mortes pode dobrar nos próximos 20 dias. Já a quantidade de infectados pode triplicar, chegando a cerca de 400 mil até o dia 5 de junho,

caso o isolamento social não seja recrudescido. O cálculo utilizou como base os dados divulgados pelo Ministério da Saúde até quinta-feira.

O cálculo da estimativa é do estatístico Carlos Alberto Bragança Pereira, especialista na área de aplicações médicas e biológicas do grupo da USP, que também inclui professores da Faculdade de Economia e Administração (FEA) e da Faculdade de Saúde Pública. Coordenados pelo diretor do Instituto de Matemática e Estatística da USP, Junior Barreira, Pereira se debruça sobre os números da pandemia para avaliar quando o país atingirá o pico de infecções, a partir do qual as curvas de casos e óbitos entrão em declínio, sinalizando para um possível afrouxamento das regras de isolamento social. Os outros pes-

quisadores estudam formas de mitigar o impacto econômico e social da doença.

Pereira, que também é professor visitante da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), utiliza um modelo de cálculo de análise de sobrevivência, batizado de Weibull, que leva em conta o número de infecções e, nos casos em que há mortes, o período de sobrevida ao vírus.

É como um painel de lâmpadas acesas, explica ele. A observação começa quando a lâmpada falha (no caso, quando o indivíduo contrai a infecção). Os parâmetros são os números oficiais de infectados e de mortos no país, que mudam diariamente. Com base neles, o cenário futuro é desenhado diariamente.

CHINA COMO MODELO

Pereira testou o modelo de cálculo com os dados da China, onde a pandemia começou, e os resultados confirmaram o que tem ocorrido no Brasil. Modelos estatísticos como este da equipe da USP são usados para medir desde a confiabilidade de sistemas, na área industrial, até na avaliação de remédios mais eficazes para determinadas doenças, por exemplo.

O comportamento da Covid-19 varia em cada estado. Segundo a estimativa de Pereira, no Rio o pico da doença pode acontecer em data tão distante quanto em meados de agosto, com cerca de 100 mil contaminações. Até o início de junho, as mortes na cidade, de acordo com o cálculo, podem somar entre 3 mil e 5 mil.

Já em São Paulo, epicentro

da Covid-19 no país, o pico deve ocorrer no fim deste mês, com o número de casos variando entre 135 mil e 160 mil. As mortes podem chegar a cerca de 6 mil em vinte dias. Até este sábado, o Estado registrava 3.608 mortes.

Justamente por conta destes números e projeções é que o médico sanitário Oswaldo Yoshimi Tanaka, diretor da Faculdade de Saúde Pública da USP, defende o isolamento social no Brasil como única forma de evitar que mais pessoas morram à espera de uma vaga em UTI e de um respirador, como já tem ocorrido em capitais como Manaus.

Tanaka lembra que somos um país desigual e que a parcela da população mais desfavorecida, com menos acesso a saneamento básico e que só pode contar com a

rede pública de saúde, é a que vai morrer mais rapidamente:

— Se todos pegarem de uma vez, vão morrer sem chegar a uma UTI. O isolamento é uma questão ética, moral e de humanidade.

A preocupação com o avanço da doença é ainda maior diante da realidade dura que o país já vive nesse momento em que bate a marca de dez mil mortes. Em sete estados o sistema de saúde está estrangulado pela falta de leitos, o número de profissionais de saúde infectados e impedidos de trabalhar é alto e o país ainda não conseguiu reduzir a taxa de contágio, segundo apontam estudos.

A epidemia, que foi trazida ao país pelas classes média e alta, agora avança nas periferias das grandes cidades. Num país de extrema desigualdade social, os números mostram que as chances de morte entre pretos é 62% maior que a dos brancos.

gualdade social, os números mostram que as chances de morte entre pretos é 62% maior que a dos brancos.

A escalada do número de mortos e infectados aumentou a pressão sobre a necessidade de um isolamento mais rígido, *lockdown*. Pelos menos três estados já adotaram a medida na região metropolitana das capitais (Ceará, Maranhão e Pará). Rio e São Paulo não descartam seguir a iniciativa.

ISOLAMENTO

O grupo de pesquisadores da USP negocia com o governo de São Paulo a abertura de um novo flanco de análise de dados. Para o professor José Afonso Mazzon, da FEA, o cruzamento de dados de saúde e de mobilidade com indicadores econômicos permitirá ao governo e à prefeitura saber onde e como alocar recursos para o período posterior à pandemia, além de poder decidir com mais segurança onde afrouxar primeiramente as regras de isolamento social. A ideia é mostrar quais os municípios precisam concentrar os investimentos em suporte de saúde e de recuperação econômica.

Isso poderá ser feito com dados econômicos, extraídos das notas fiscais eletrônicas, que poderão indicar quais municípios e distritos tiveram atividades econômicas mais impactadas e quais são elas, por região geográfica.

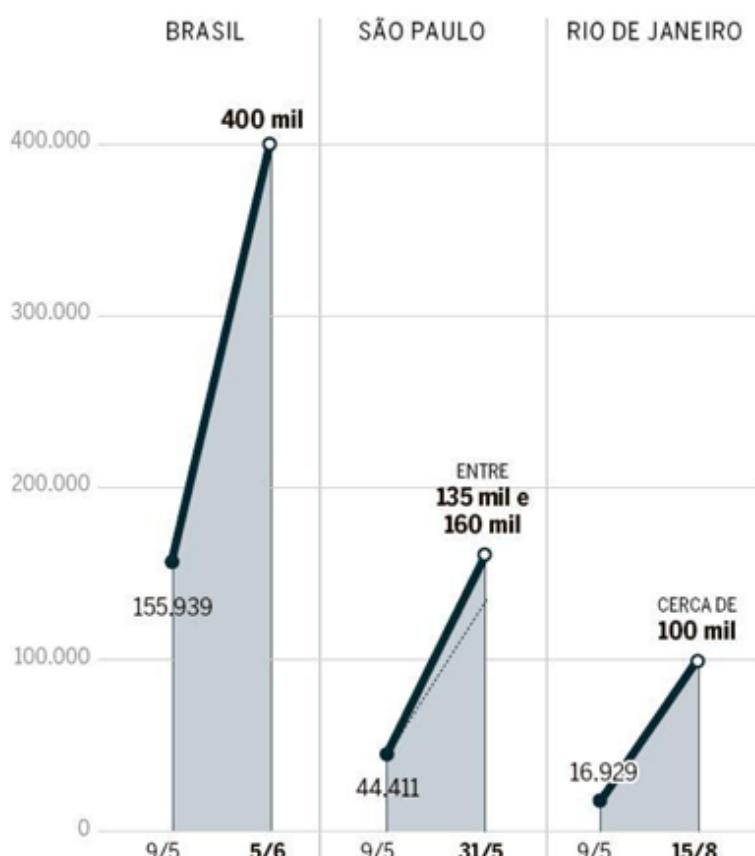
— Esses dados econômicos vão indicar onde será preciso concentrar os investimentos sociais. Os locais mais impactados terão necessidade de mais apoio à população, como distribuição de cestas básicas e programas de emprego — diz Mazzon.

AVANÇO DA PANDEMIA

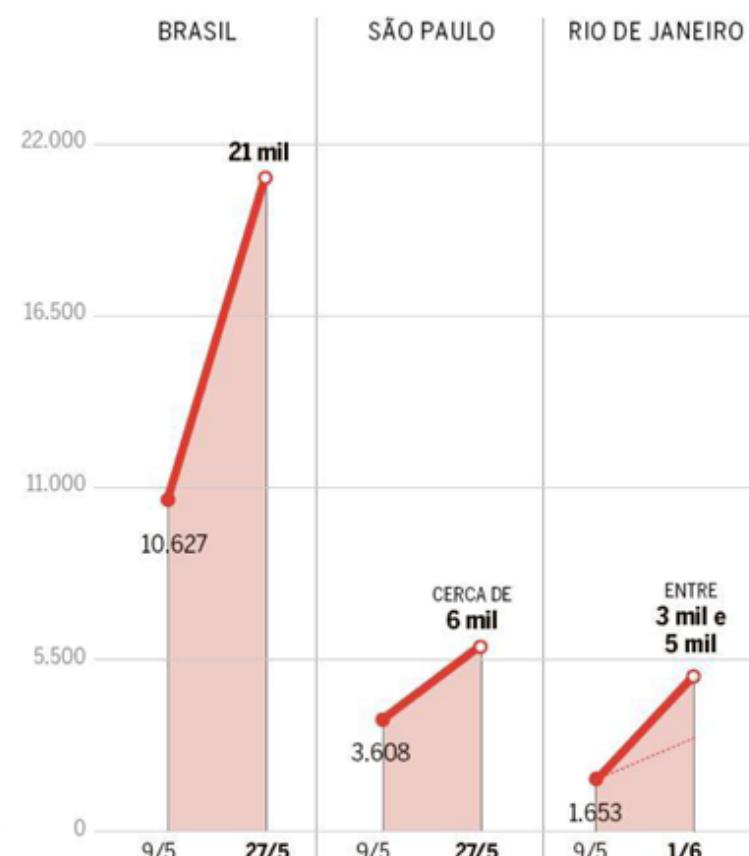
Pesquisadores projetaram evolução acentuada de infecções no país, caso governos não adotem políticas públicas contra coronavírus

○ Pico de casos

CASOS ACUMULADOS



MORTES ACUMULADAS



Fonte: USP, Ministério da Saúde e Secretarias estaduais de Saúde

Editoria de Arte

Q “Se todos pegarem de uma vez, vão morrer sem chegar a uma UTI. O isolamento é uma questão ética, moral e de humanidade

— **Oswaldo Tanaka**, diretor da Faculdade de Saúde Pública da USP

“Locais mais impactados terão necessidade de mais apoio, como distribuição de cestas básicas e programas de emprego

José Afonso Mazzon, professor da FEA